

# Lago Norte tem cobras e lagartos

Em zona de lixo farto, cabo de vassoura é arma contra gambás

Além da falta de segurança e dos freqüentes assaltos, os moradores do Lago Norte há muito tempo convivem com um problema que, apesar de diversas tentativas, até hoje não teve solução: a existência de lotes vazios que são usados como depósitos de entulho de obras e de lixo. Em alguns casos, como no Conjunto 11 da QL-2, onde há dois lotes sem construção, a situação é tão crítica que já virou rotina os moradores encontrarem cobras, lagartos, ratos, aranhas, macacos e até gambás em suas casas e quintais.

"Eu só saio de casa com um cabo de vassoura na mão, porque não sei o que posso encontrar no portão", contou Célia Thibes

Bleyer, que mora na casa 15 há 12 anos. Ela disse que já matou "um gambá, a paulada, em plena madrugada" e que diversas vezes encontrou cobras dentro de seu terreno. "Um dia eu vi uma cobra preta e amarela nadando na minha piscina, fiquei com medo de mexer e liguei para o Corpo de Bombeiros. Eles mandaram que eu a matasse. Liguei, então, para o Jardim Zoológico e informaram que não mexiam com serpentes venenosas. Quando voltei à piscina, a cobra já tinha desaparecido", disse Célia.

Donatila Carvalho, vizinha de Célia, também passou por experiência semelhante: na casa dela apareceram, há poucos dias,

duas cobras "de mais ou menos meio metro cada e escuras". Donatila acretida tê-las matado: "Eu fervei água e joguei no buraco onde elas estavam", contou. Em outra ocasião, há quase dois anos, a cachorra da casa dela matou cinco gambás que entraram no quintal. Ao contrário de Célia Bleyer, entretanto, Donatila não se preocupa com a existência desses bichos na rua. "Aqui em casa eles aparecem tão esporadicamente que eu nem ligo".

Não é o que faz a moradora da casa 2, Maria Luiza Centeno Braun. Ela também aderiu à moda do cabo de vassoura na mão e teme que a existência de terrenos baldios na rua cause outros problemas. "Além

dos bichos, os terrenos abrigam marginais. Há, ainda, o risco de incêndio. Nesse período seco, o mato e o lixo pegam fogo e nossas casas podem facilmente ser atingidas", disse Maria Luiza. Célia Bleyer pouco sai de casa por causa dessa possibilidade. "Várias vezes eu tive que apagar princípios de incêndio no terreno ao lado do meu. Agora tenho medo de sair deixando tudo bem e encontrar apenas cinzas quando voltar".

A arquiteta Vera Galvão, que mora na casa 18, já tem uma linha de ação traçada para combater os problemas. Ela em conjunto com Maria Luiza e Célia, pretende mandar limpar os terrenos e colocar uma placa avisando que é proibido jogar lixo no local. "Nós faremos isso, apesar da certeza que temos de que a obrigação é dos proprietários. Não podemos esperar que eles tomem uma atitude. Estamos correndo riscos e temos que trabalhar".

Limpar os terrenos, entretanto, certamente não resolverá a questão. As pessoas continuarão jogando lixo no local. "Por isso", disse Célia, "acreditamos que está na hora de o Governo realizar uma campanha de conscientização e educação do povo. Quem joga lixo aqui, na maioria das vezes, são os próprios moradores da região". Vera Galvão acredita que cada morador deve ser responsável por seu lixo. "Enterrando-o ou queimando-o". Mas em sua opinião é preciso também que o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) dê mais atenção a esses terrenos e realize limpezas regulares, evitando acúmulo de lixo.